



# FATORES DE RISCO NO DESENVOLVIMENTO E NAS RELAÇÕES DE AMIZADE DE ADOLESCENTES EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

## RISK FACTORS IN THE DEVELOPMENT AND ADOLESCENT FRIENDLY RELATIONS IN INSTITUCIONAL CARE

Amanda Cristina Ribeiro da Costa<sup>1</sup>  
Lília Iêda Chaves Cavalcante<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo investigar a ocorrência de fatores de risco no desenvolvimento e nas relações de amizade de adolescentes em acolhimento institucional. Para tanto, utilizou-se o Questionário Juventude Brasileira (QJB). Participaram 40 adolescentes em acolhimento institucional, sendo 15 do sexo feminino e 25 do sexo masculino, com média de idade 15 anos (M=15). A análise de dados foi realizada a partir de estatística descritiva e inferencial utilizando-se o teste Qui-Quadrado. Os resultados apontam que os adolescentes estiveram expostos a diversos fatores de risco, sendo as variáveis ser expulso da escola ( $X^2=4,09$ ;  $p=0,04$ ), acolhimento em instituições ( $X^2= 5,87$ ;  $p= 0,01$ ) e já trabalhou na rua ( $X^2= 8,67$ ;  $p= 0,003$ ) estatisticamente associadas ao sexo masculino. O sexo feminino esteve associado, significativamente, com a violência intrafamiliar na forma de agressão, por meio de soco ou surra ( $X^2= 4,73$ ;  $p=0,02$ ). Nas situações que representavam risco e envolviam os amigos, observou-se diferença estatisticamente significativa entre a variável sexo masculino e as variáveis amigos que usam drogas ( $X^2= 4,5$ ;  $p= 0,03$ ), amigos que usam drogas lícitas ( $X^2= 3,74$ ;  $p= 0,05$ ) e amigos que usam drogas ilícitas ( $X^2= 6,34$ ;  $p=0,01$ ). Tais resultados convergem com os de outras pesquisas, que investigaram a incidência e prevalência de fatores de risco entre adolescentes em acolhimento institucional. Esta pesquisa pode favorecer que estratégias de ação sejam desenvolvidas nas instituições, contribuindo para a compreensão do desenvolvimento de adolescentes em contextos de cuidados coletivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fatores de risco; Amizade; Adolescentes; Institucionalização.

**ABSTRACT:** The objective of this study was to investigate the occurrence of risk factors in the development and friendly relations of adolescences in institucional care. The instrument used was the Questionário Juventude Brasileira (QJB). It counted with participation of 40 adolescence received institutionally, 15 female and 25 male, mean age 15 years (M = 15). Statistical analyzes were performed using the chi-square test. The results show that the teenagers were exposed to various risk factors statistically associated with male variables being expelled from school ( $X^2 = 4.09$ ,  $p = 0.04$ ) institucional care history ( $X^2 = 5.87$ ,  $p = 0.01$ ) and has worked in the street ( $X^2 = 8.67$ ,  $p = 0.003$ ). The female was significantly associated with domestic violence in the form of aggression ( $X^2 = 4.73$ ,  $p = 0.02$ ). In situations that posed a risk involved and friends, there was a statistically significant difference for males in the variables: you friends who use drugs? ( $X^2 = 4.5$ ;  $p = 0.03$ ), friends who use illicit drugs ( $X^2 = 3.74$ ,  $p = 0.05$ ) and friends who use illicit drugs ( $X^2 = 6.34$ ;  $p = 0.01$ ). The findings of this study are consistent with other studies that investigated the incidence and prevalence of risk factors among adolescents welcomed institutionally. Studies like this can promote action strategies in institutions, contributing to the understanding of the development of adolescents in alternative contexts family.

**KEYWORDS:** Risk factors; Friendship; Adolescents; Institucional care.

<sup>1</sup> Assistente Social. Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento/PPGTCP-UFGA. Doutoranda em Teoria e Pesquisa do Comportamento/PPGTCP-UFGA. amandacostaufpa@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Mestre em Serviço Social e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará, com Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. liliaccavalcante@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Estudos têm investigado a ocorrência de fatores de risco em diversas fases da vida e contextos de desenvolvimento. Segundo Gaspar e Matos (2015), os fatores de risco são eventos negativos na trajetória de vida de um indivíduo, que podem aumentar a probabilidade deste apresentar problemas emocionais, físicos ou sociais e envolvimento em situações de risco. A pesquisa sobre fatores de risco na adolescência ganha importância por ser esta uma fase caracterizada por intensas mudanças biológicas, sociais e culturais, o que faz com que o adolescente na busca por autonomia e aceitação pelo grupo de pares, possa ficar mais vulnerável aos riscos (ALVES; DELL'AGLIO, 2015). Para se compreender os fatores de risco na adolescência, é necessário dar visibilidade aos efeitos sinérgicos das características do contexto e da pessoa em desenvolvimento, ressaltando-se a relação entre o caráter flexível e dinâmico do complexo processo de interação entre os adolescentes e seus pares (ZAPPE, 2014).

Os fatores de risco ao desenvolvimento humano, geralmente são divididos pelos autores (GASPAR; MATOS, 2015; SIERRA; MESQUITA, 2006; TOMÉ et al., 2015) em subcategorias 1) Riscos inerentes à família (alcoolismo, violência doméstica, abuso sexual etc.); 2) Riscos referentes ao local de moradia; 3) Riscos colocados à saúde e 4) Riscos associados aos próprios indivíduos, tais como, personalidade e comportamentos, que podem levá-los ao uso de drogas, práticas de atos ilícitos. Ademais, os fatores de risco também podem variar de acordo com características comuns à adolescência, como alguns comportamentos antissociais (uso de drogas, comportamento delinquente, comportamento sexual de risco), baixa expectativa de sucesso, amizades que apresentem comportamento de risco, influência dos amigos maior que a dos pais, baixa autoestima, dentre outros (ALVES; DELL'AGLIO, 2015; JESSOR, et al 1995).

Em resumo, características pessoais ou contextuais e as relações estabelecidas podem afetar a maneira pela qual o adolescente lida com este período de mudança e readaptação, constituindo-se como fatores de risco nessa fase do desenvolvimento. Crescer em um contexto de pobreza (Mckoy et al., 2014), consumir substâncias psicoativas (CARDOSO; MALBERGIER, 2014), sofrer com atos de violência (ANTONI; BATISTA, 2014), rupturas na família de origem, perdas de pessoas importantes, possuir rede de apoio social e afetiva fragilizada, portanto, são fatores de risco que podem prejudicar o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente (BERNARDY; OLIVEIRA, 2010). Dessa forma, indivíduos que apresentam frágeis possibilidades e expectativas positivas para superar desafios e

obstáculos podem ter a sua situação de vulnerabilidade agravada nessa fase da vida (PESCE et al, 2004).

Quando a situação de vulnerabilidade social e pessoal torna-se severa, ocasionando ameaças aos direitos ou violações que se expressam no âmbito familiar, são previstas em leis, especialmente no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990 medidas de garantia de direitos à infância e juventude). Nos casos em que esses direitos forem ameaçados ou violados, o encaminhamento ao serviço de acolhimento é uma das medidas previstas.

O acolhimento institucional, assim, deve ser compreendido como medida provisória e excepcional, utilizada como forma de transição para a reintegração familiar ou, se for o caso, para colocação em família substituta. Segundo as normas técnicas do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2009), os serviços de acolhimento devem oferecer atendimento inclusivo de qualidade, prevendo estratégias diferenciadas às demandas específicas, mediante acompanhamento de profissionais especializados. Além disso, esses serviços devem buscar articulações com as políticas de saúde, educação, esporte, lazer e cultura. No entanto, sabe-se que a reintegração familiar nem sempre é um processo simples e rápido, em função de práticas parentais negativas, dificuldade em manter ou conseguir um emprego, acesso e cumprimento limitados de programas de tratamentos para uso de substâncias psicoativas, habitação instável, dentre outros fatores a serem considerados (MCKOY et al., 2014).

Dessa forma, o que é para ser um serviço provisório, prolonga-se, resultando na fragilização ou quebra dos vínculos familiares. Ou seja, o acolhimento institucional torna-se, paradoxalmente, uma medida de proteção que pode funcionar como fator de risco para o desenvolvimento saudável do adolescente, conforme Cavalcante, Silva e Magalhães (2010).

Estudos que investigaram fatores de risco na adolescência em diferentes contextos, analisaram a sua variação em função do gênero dos participantes, verificando, por exemplo, que as adolescentes acolhidas institucionalmente estavam mais expostas à violência intrafamiliar do que adolescentes do sexo masculino (BRAGA; DELL'AGLIO, 2012), as meninas tentaram suicídio mais vezes do que os meninos, embora eles tenham consumado o ato mais vezes que elas (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

Segundo Vilhena (2009), todas as formas de violência contra o sexo feminino são facilitadas em virtude do papel social esperado para a mulher. Para a autora, esse facilitador é reforçado pela cultura patriarcal e as relações de poder e dominação, estabelecidas nos contextos em que a mulher está inserida, mas especialmente no contexto familiar. Antoni e Batista (2014) afirmam que, embora este tipo de fator de risco exponha crianças e

adolescentes de ambos os sexos, adolescentes do sexo feminino vivenciam esta realidade com mais frequência. Tudo isso justificado na crença dos valores autoritários e na prática disciplinar de cunho punitivo, sofridos pelas figuras femininas de gerações anteriores às da vítima. Os autores acrescentam que a violência intrafamiliar pode ser fator de risco, desencadeador de comportamentos antissociais, fuga do lar e reprodução das relações punitivas, com sequelas emocionais, cognitivas e relacionais para o indivíduo.

Se o sexo feminino pode estar mais exposto aos fatores de risco do contexto intrafamiliar, por outro lado, estudos apontam que os adolescentes do sexo masculino estão mais expostos a fatores de risco extrafamiliares. No estudo de Braga e Dell’Aglío (2012) os meninos apresentaram maior exposição a fatores de risco que ocorriam em contextos extrafamiliares, tais como comunidade, escola e rua, por eles apresentarem com mais frequência comportamentos reconhecidos como agressivos e externalizantes. Este cenário de risco e vulnerabilidade em que os adolescentes se encontravam na comunidade, na rua e local de trabalho também pode ser percebido a partir das relações de amizade, uma vez que pesquisas têm apontado que essas relações têm se apresentado como fator de risco para episódios como uso de drogas, por exemplo, como explicam Cardoso e Malbergier (2014).

Nessa mesma perspectiva, Alves e Dell’Aglío (2015) investigaram a relação entre apoio social e comportamentos de risco, considerando o apoio percebido na família, escola e dos amigos. Os resultados apontaram diferenças no sexo e idade, os adolescentes mais velhos se engajaram mais em comportamentos de risco e meninos se envolveram mais em comportamento infracional e sexual de risco e as meninas em comportamento suicida. O maior envolvimento dos adolescentes em comportamentos de risco esteve associado ao apoio dos amigos, o que reafirma a influência do papel dos pares no desenvolvimento dos adolescentes, sendo decisivos no processo de engajamento a em algum comportamento de risco, embora seja mediado pelo monitoramento dos pais. Dessa forma, entende-se que os fatores de risco e proteção ao desenvolvimento dos adolescentes e o engajamento destes em comportamentos de risco podem estar relacionados ao grupo de pares e mais intimamente às relações de amizade.

Entende-se que o engajamento em comportamento de risco pode corresponder a uma estratégia durante a adolescência, relacionada ao processo de construção da identidade, somado a práticas parentais inadequadas, exposição à violência nas comunidades em que vivem e envolvimento com pares, que também apresentam comportamentos de risco (MAHON, CURTIN, 2012; KOMATSU, BAZON, 2015).

## 2 O GRUPO DE PARES E AS RELAÇÕES DE AMIZADE COMO FATOR DE RISCO E PROTEÇÃO

Segundo Tomé et al. (2015), os adolescentes se distanciam dos pais e começam a partilhar mais experiências com o grupo de pares, na medida em que passam mais tempo com os amigos, devido à prática conjunta de atividades diárias como ir para escola, saírem juntos para eventos sociais e terem mais liberdade para expressar seus sentimentos. Por outro lado, o grupo de pares também é definido como um espaço de autoexploração, que oferece segurança e conforto aos adolescentes e lhes atribuem novos papéis e metas compatíveis com seu amadurecimento intelectual e emocional, sendo um referencial fundamental para o exercício da sociabilidade na adolescência. As experiências entre pares incluem contatos com pessoas desconhecidas, interações com sujeitos familiares e as relações de amizade, sendo estas últimas mais íntimas e estáveis (FREITAS et al., 2013).

De acordo com Harris (1999), a relação dos adolescentes com seus pares explica cerca de 40% das variações individuais nos traços de personalidade, sendo o restante compartilhado entre a família e pressões ambientais. É interessante destacar que grande parte da cultura dos adolescentes é influenciada pelas relações estabelecidas com seus pares. A autora ressalta que os adolescentes se preocupam mais com o que os amigos pensam, do que com a forma como os pais pensam, classificando essa mediação do grupo de pares no desenvolvimento como um processo de transmissão da cultura, em geral, mediada pela relação dos adolescentes com seus familiares. Essa concepção é reafirmada por Myers (2014), ao explicitar que crianças e adolescentes aprendem sua cultura (jogos, gostos, sotaques, dentre outros) a partir também da relação com os pares.

Para os autores Mahon e Curtin (2012), a adolescência é uma etapa importante no desenvolvimento da pessoa jovem e, de fato, as experiências, acumuladas neste período, podem ter um efeito sobre a forma como irão proceder na vida adulta. No entanto, o processo de influência entre pares na adolescência não deve ser simplificado, uma vez que diversas características individuais, e do próprio grupo, podem agir como moderadores da mudança comportamental, além da influência de relacionamentos saudáveis ou não em outros contextos, como é caso das relações familiares.

Diante do supracitado, existe certo consenso na literatura de que essas relações podem influenciar o adolescente ao ponto de levá-lo a manifestar uma multiplicidade de comportamentos antissociais, pois as pressões diárias e a inserção em novas atividades são motivadoras para experimentação de comportamentos novos e, talvez, de risco. Essa tendência negativa

pode ser consolidada pelo pouco controle parental, falta de fontes alternativas de comunicação e sustentação emocional (TOMÉ et al, 2015).

Com efeito, entende-se que durante a adolescência, o grupo de pares e, mais especificamente, as relações de amizade, dependendo da qualidade das mesmas, potencializam a aprendizagem de comportamentos adequados ou inadequados (POEIRAS, 2015). E pouco se sabe sobre essas relações, quando se trata de adolescentes que não vivem com suas famílias, como é o caso dos que vivem em contextos institucionais, com ou sem privação de liberdade. A investigação dos vários aspectos relacionados a essa forma de relacionamento social pode contribuir na compreensão de questões básicas do desenvolvimento humano, no entendimento de como os adolescentes são atraídos por seus pares, quem faz a mediação dessas relações e se os elementos que permeiam suas interações e relacionamentos seriam de qualidade positiva ou negativa para o amadurecimento do adolescente.

Diante do exposto, entende-se que a exposição a fatores de risco pode ser mediada pelas relações de amizade, sendo esta associada às características pessoais do indivíduo. No caso dos adolescentes afastados do convívio familiar, essas relações não irão contar com o monitoramento parental, ou seja, os adolescentes, em tese, ficam mais expostos à influência de seus pares e esta pode ser positiva ou negativa, dependendo da qualidade do vínculo estabelecido por eles. Nesse sentido, este artigo buscou investigar os fatores de risco ao desenvolvimento, associados às relações de amizade de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

### **3 MÉTODO**

A amostra foi composta por conveniência, totalizando 40 adolescentes em situação de acolhimento em cinco instituições na Região Metropolitana de Belém, sendo 15 do sexo feminino e 25 do sexo masculino, com idades entre 12 e 14 anos (28,94%) e 15 e 18 anos incompletos (71,06%). A maioria dos participantes cursava o ensino fundamental (94,73%) e apenas dois deles (5,27%) estavam cursando o ensino médio.

Para a seleção dos participantes, foram considerados os seguintes critérios de inclusão e exclusão: adolescentes que soubessem ler e escrever e que não tivessem nenhum transtorno cognitivo severo ou deficiência, que dificultasse a compreensão do questionário, tais como surdez e mudez, por dificultarem a comunicação com o pesquisador e aqueles que aceitassem participar da pesquisa e assinar o Termo de Assentimento.

Foi utilizado uma versão reduzida com 55 questões do questionário elaborado por Dell’Aglío et al. (2011). O objetivo do Questionário Juventude Brasileira (QJB) é investigar fatores de risco e proteção em adolescentes. No presente estudo, foram analisadas as questões referentes às variáveis características pessoais (sexo, idade, escolaridade) e outras que representam fatores de risco (reprovação e expulsão escolar), violência intrafamiliar (agressão com objeto, ameaça ou humilhação e abuso sexual), uso de drogas lícitas e ilícitas, ter amigo que usa drogas, presença de eventos estressores ao longo da vida, tais como ter sido acolhido em instituição e fatores de proteção, representados pela escala de expectativas de futuro.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) da Universidade Federal do Pará e aprovado sob com o parecer de número 1.081.697. Posteriormente, foi realizado o contato com as secretarias municipais de assistência social para obtenção da autorização para pesquisa e aquelas que não eram governamentais, a autorização foi expedida diretamente nas pelas instituições que fizeram parte do estudo e eram responsáveis pelos adolescentes durante a coleta.

Os adolescentes foram abordados nos momentos em que estavam sem atividades promovidas pela instituição, momento em que eram convidados a participar da pesquisa. Após a explicação dos objetivos do estudo, os que aceitavam participar, assinavam o Termo de Assentimento. O instrumento de coleta foi administrado individualmente, em geral nos espaços destinados à recreação ou nos refeitórios das instituições.

Os dados coletados foram armazenados em planilhas eletrônicas. Para a caracterização sociodemográfica dos adolescentes e dos fatores de risco e proteção presentes nos dois grupos, foi utilizada estatística descritiva. Em seguida, realizou-se teste estatístico- Qui-Quadrado- para identificar algum nível de associação dos fatores de risco com a variável sexo dos participantes.

#### **4 RESULTADOS**

Inicialmente, verificou-se a frequência da exposição dos adolescentes aos fatores de risco para o desenvolvimento. A análise foi realizada conforme o sexo dos participantes, para verificar se essa variável apresentava associação com a ocorrência dos fatores de risco pesquisados, segundo relatado pelos adolescentes, por meio da aplicação do teste Qui-Quadrado. A Tabela 1 apresenta os fatores de risco aos quais os adolescentes participantes da pesquisa estavam mais e expostos:

**Tabela 1 – Fatores de risco entre adolescentes que vivem em acolhimento institucional na RMB**

Fatores de risco		Sexo		Total	Teste Qui-quadrado	P-valor
		Masculino	Feminino			
Você já foi reprovado?	Não	36,0	40,0	37,5	0,007	0,93
	Sim	64,0	60,0	62,5		
Você já foi expulso de alguma escola?	Não	60,0	93,3	72,5	4,09	0,04*
	Sim	40,0	6,7	27,5		
Já sofreu ameaça ou humilhação?	Não	68,0	40,0	57,5	1,96	0,16
	Sim	22,0	60,0	42,5		
Já levou soco ou surra?	Não	60,0	20,0	45,0	4,73	0,02*
	Sim	40,0	80,0	55,0		
Já sofreu agressão com objeto?	Não	60,0	40,0	52,5	0,81	0,36
	Sim	40,0	60,0	47,5		
Mexeu no seu corpo contra a sua vontade?	Não	96,0	73,3	87,5	2,49	0,11
	Sim	4,0	26,7	12,5		
Relação Sexual Forçada?	Não	96,0	73,3	87,5	2,49	0,11
	Sim	4,0	26,7	12,5		
Já estive internado em instituição (abrigo, orfanato)	Não	8,0	46,7	22,5	5,87	0,01*
	Sim	92,0	53,3	77,5		
Já fugi de casa	Não	32,0	40,0	35,0	0,02	0,86
	Sim	68,8	60,0	65,0		
Já morei na rua	Não	68,0	66,7	67,5	0,06	0,79
	Sim	32,0	33,3	32,5		
Já dormi na rua	Não	40,0	53,3	45,0	0,24	0,62
	Sim	60,0	46,7	55,0		
Já trabalhei na rua	Não	44,0	93,3	62,5	8,67	0,003*
	Sim	56,0	6,7	37,5		
Já cumpri medida socioeducativa sem privação de liberdade	Não	68,0	86,7	75,0	0,92	0,33
	Sim	32,0	13,3	25,0		
Já estive privado de liberdade (instituição fechada)	Não	52,0	80,0	62,5	2,12	0,14
	Sim	48,0	20,0	37,5		
Já fui levado para o Conselho Tutelar	Não	28,0	20,0	25,0	0,03	0,85
	Sim	72,0	80,0	75,0		
Já tive problemas com a justiça	Não	72,0	80,0	77,5	0,48	0,48
	Sim	28,0	20,0	22,5		
Já tive problemas com a polícia	Não	68,0	86,7	75,0	0,92	0,33
	Sim	32,0	13,3	25,0		
Você já tentou se matar?	Não	72,0	60,0	67,5	0,18	0,66
	Sim	28,0	40,0	32,5		

**Fonte:** Elaborada pelo autor (2017).

**Nota:** \* Foi encontrada associação significativa entre as variáveis de fatores de risco e o sexo dos participantes.

Conforme mostra a Tabela 1, ser adolescente do sexo masculino esteve significativamente associado às seguintes variáveis: ter sido expulso de alguma escola ( $p=0,04$ ), ter sido acolhido institucionalmente ( $p=0,01$ ) e ter trabalhado na rua ( $p=0,003$ ). Com relação ao sexo feminino, notou-se que as adolescentes estiveram mais expostas a fatores de risco relacionados à violência intrafamiliar do que os meninos, tanto em relação à frequência da exposição ao fator, quanto pela associação estatística apresentada. A única variável associada estatisticamente ao sexo feminino fazia referência à adolescente ter sido agredida por soco ou surra ( $p=0,02$ ). A Tabela 1 mostra, ainda, que os fatores de risco relacionados à violência intrafamiliar, atingiram com mais frequência as adolescentes da amostra. Adolescentes do sexo feminino estiveram mais expostas à ameaça ou humilhação (60%) agressão com objeto (60%) do que os adolescentes do sexo masculino. Apesar de apresentar uma frequência menor, fatores de risco relacionados à violência sexual como ‘mexer no seu corpo contra a sua vontade’ e ‘relação sexual forçada’, também tiveram predominância no sexo feminino.

A associação entre fatores de risco e o sexo dos participantes também mostrou que as adolescentes foram atendidas de forma mais frequente pelo Conselho Tutelar (80%) do que os adolescentes do sexo masculino (72%), em contrapartida, eles estiveram privados de liberdade (48%), relataram mais problemas com a polícia (32%) e com a justiça (28%) e também apresentaram mais experiência de rua (60%). Outro dado a ser destacado, refere-se às tentativas de suicídio: observou-se que as meninas já tiveram mais vezes ideação suicida (40%) do que os meninos (28%).

**Tabela 2 – Fatores de risco nas relações de amizades de adolescentes em situação de acolhimento institucional na RMB**

Fatores de risco nas relações de amizade	Sexo (f=%)			Teste Qui-quadrado	P-valor	
	Masculino	Feminino	Total			
Você tem amigo que usa drogas...	Não	16,0	53,3	30,0	4,5	0,03*
	Sim	84,0	46,7	70,0		
Drogas Lícitas	Não	14,0	60,0	37,5	3,74	0,05*
	Sim	76,0	40,0	62,5		
Drogas Ilícitas	Não	16,0	60,0	32,5	6,34	0,01*
	Sim	84,0	40,0	67,5		
Consome drogas quando está com amigos	Não	56,0	66,7	60,0	0,11	0,73
	Sim	44,0	33,3	40,0		

**Fonte:** Elaborada pelo autor (2017).

**Nota:** \* Foi encontrada associação significativa entre as variáveis de fatores de risco e o sexo dos participantes, considerando o nível de significância de  $p \leq 0,05$ .

Dentre as variáveis consideradas como fator de risco ao desenvolvimento do adolescente e que estão relacionadas com a presença dos amigos, o uso de drogas ganha destaque. No caso do sexo masculino, 84% dos adolescentes disseram possuir algum amigo que consome drogas lícitas ou ilícitas, sendo encontrada associação significativa entre essas variáveis. Além disso, 40% dos adolescentes relataram usar drogas quando estão na companhia do amigo.

## 5 DISCUSSÃO

Particularmente no caso de adolescentes do sexo masculino, que estão em situação de vulnerabilidade social e acolhimento institucional, estudos apontam ser comum a presença de fatores de risco, tais como interação com grupo de pares desviantes (ALVES; DELL'AGLIO, 2015), vivência na rua (NARDI; DELL'AGLIO, 2012), exposição a situações de violência (BRAGA; DELL'AGLIO, 2012; MCKOY et al., 2014), pertencer às famílias de baixa renda (MCKOY et al., 2010). No presente estudo, estas variáveis estiveram presentes na caracterização da amostra de adolescentes em situação de vulnerabilidade social pesquisada.

Uma hipótese que contribui para explicar esse resultado diz respeito ao fato de que o adolescente vê a necessidade de assumir uma postura adulta, almeja autonomia, busca modelos diferentes daqueles que possui em casa, o que pode levar à exposição aos fatores de risco supracitados (TOMÉ et al. 2015). Além disso, deve-se atentar para o fato de que são adolescentes em situação de vulnerabilidade que, na maioria das vezes, se veem obrigados a buscar alternativa de trabalho nas ruas e, estando nessa condição, tornam-se mais vulneráveis à multiplicidade de fatores de risco que caracteriza esse contexto específico.

Neste estudo, o sexo feminino esteve associado ao histórico de violência intrafamiliar, por meio do relato de experiências pessoais de agressão como soco ou surra. Estudos mostram que são vários os fatores de risco associados ao gênero feminino, sendo a violência intrafamiliar um deles, que varia desde ameaças e humilhações, até a violência física e a violência sexual, como discutem Vilhena, (2009), Braga e Dell'Aglio (2012), Zappe e outros (2013). Vieira e colegas (2008) destacam alguns fatores que podem estar associados à violência doméstica contra o sexo feminino, com os quais os resultados desta pesquisa corroboram, dentre eles estão: baixa escolaridade, o uso de drogas, a situação de vulnerabilidade social e pobreza, além das relações familiares com pouco afeto e diálogo.

Como visto, as variáveis de fatores de risco aparecem com frequência entre os participantes da amostra selecionada e quando aplicado o Teste Qui-Quadrado, foi confirmada

associação significativa entre alguns fatores de risco e o sexo dos participantes. Diante dessa exposição a diversos tipos de fatores de risco, é possível que eles estejam relacionados ao cenário de risco e vulnerabilidade em que os adolescentes se encontravam no ambiente familiar e, por vezes, à rua, local de trabalho de alguns e, muito provavelmente, com as relações de amizade, uma vez que pesquisas têm apontado que essas últimas têm sido um fator de risco para episódios como uso de drogas (CARDOSO; MALBERGIER, 2014) e cometimento de ato infracional (NARDI; DELL'AGLIO, 2012).

Vale ressaltar que este grupo apresenta frequência alta e significativa de adolescentes que já foram acolhidos institucionalmente em algum momento da vida, o que é muito preocupante, uma vez que esse é um evento estressor que pode, inclusive, estar associado à sintomatologia depressiva (ÁLVARES; LOBATO, 2013). Além disso, diversos estudos apontam que os adolescentes acolhidos institucionalmente, geralmente, estão expostos a uma série de fatores de risco, tais como: gravidez na adolescência, uso de drogas (BERNARDY; OLIVEIRA, 2010), alto índice de repetência (SIQUEIRA, 2010), alto índice de reprovação e expulsão e baixos escores de autoestima (ABAID, 2013).

Na amostra pesquisada, percebe-se que a exposição a diversos fatores de risco e o estímulo influente dos amigos estão associados estatisticamente, geralmente, ao sexo masculino. Esse dado corrobora com o estudo de Nardi e Dell'Aglio (2012), em que foi verificado que adolescentes que consomem substâncias psicoativas estão em idade média de 16 anos, são do sexo masculino e são reincidentes dos espaços de acolhimento institucional. Pode-se dizer que existem evidências de que a relação de amizade dos adolescentes (especialmente sexo masculino) pode estar funcionando como fator de risco para a ocorrência de comportamentos antissociais como o uso de drogas. Todavia, é importante considerar variáveis como o contexto de desenvolvimento e também as características individuais do adolescente. Embora se saiba que pertencer ao sexo masculino aumenta a predisposição para atitudes violentas e uso de drogas (VIEIRA et al., 2008), sabe-se que o acolhimento institucional de adolescentes que fazem uso de drogas é marcado por fugas da instituição e dificuldade de articulação da rede para tratamento do problema, o que pode facilitar o acesso e a disponibilidade da droga em outros contextos como a rua, por exemplo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que os adolescentes participantes da pesquisa estão expostos a diversos fatores de risco, associados, principalmente, ao sexo masculino, tais como expulsão

escolar, trabalho infanto-juvenil e com histórico de acolhimento institucional. Já a violência doméstica, por meio de soco ou surra, esteve associada ao sexo feminino. No que diz respeito às situações de risco que envolviam os amigos, foi observada diferença estatisticamente significativa para ter amigos que usam drogas ( $X^2= 4,5$ ;  $p=0,03$ ), amigos que usam drogas lícitas ( $X^2= 3,74$ ;  $p=0,05$ ) e amigos que usam drogas ilícitas ( $X^2= 6,34$ ;  $p= 0,01$ ), com frequência maior para adolescentes do sexo masculino.

Essa pesquisa traçou um perfil dos adolescentes acolhidos em instituições de proteção na Região Metropolitana de Belém, o que pode favorecer estratégias de ação dirigidas específicas e mais refinadas. Além disso, a manifestação ou exposição a fatores de risco na trajetória de vida destes sujeitos pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento de adolescentes em contextos alternativos à família. A análise da situação de vulnerabilidade social e do modelo complexo de risco a que esses adolescentes e suas famílias estão expostos, permite garantir reflexões acerca das medidas a serem tomadas para a reinserção do adolescente no seio familiar e evitar a revitimização dos mesmos. Os achados do presente estudo são congruentes com os de outros, que investigaram os fatores de risco e proteção entre adolescentes acolhidos, sendo notado que os participantes também estavam em situação de vulnerabilidade social, com baixa escolaridade, eram provenientes de família de baixa renda e com histórico de acolhimento institucional em outros momentos de sua vida.

Dentre as limitações do estudo, pode-se citar a amostra reduzida de adolescentes, em razão das características do contexto considerado para realização da pesquisa, mas também, em alguns casos, a dificuldades colocadas pelas instituições para aplicação do questionário com os adolescentes, seja desmarcando períodos previamente acertados para a coleta ou horário estabelecido para conversar com adolescentes, até a evasão dos mesmos das instituições pesquisadas. Além disso, deixaram de ser investigadas variáveis importantes para a análise pretendida, tais como o tempo de duração do acolhimento institucional e a frequência com que ocorria o contato dos adolescentes com familiares. Tais análises não foram realizadas, pois nem todas as instituições permitiram acesso aos prontuários dos adolescentes, os quais, na maioria dos casos, não conseguiam responder/lembrar há quanto tempo estavam acolhidos.

Nesse sentido, recomenda-se que outros estudos sejam realizados com uma amostra expandida, considerando variáveis como tempo de acolhimento, contato com os pais e quem realiza visitas. Embora vários estudos sobre fatores de risco entre adolescentes brasileiros estejam sendo realizados nos últimos anos, a região Norte do país ainda carece que estudos sobre adolescentes em situação de vulnerabilidade social e que estão se desenvolvendo em

diferentes contextos. Estudos comparativos entre os fatores de risco e proteção no contexto familiar e institucional (instituições de acolhimento, unidades de medida socioeducativa, dentre outros) podem trazer grandes contribuições para o entendimento desta etapa específica do desenvolvimento humano. Além disso, é possível que a compreensão do lugar e da importância das relações de amizade na vida do adolescente ajude na compreensão desta etapa da vida e que subsidie a intervenção de profissionais da área psicossocial, quando esta for necessária, uma vez que as instituições podem e devem promover este tipo de contato afetivo, que se mostrou ser fonte de apoio, mas, como toda visita à instituição, este contato deve ser acompanhado por um profissional.

## REFERÊNCIAS

ABAID, J. L. W. **Entre risco e proteção**: ajustamento psicossocial de adolescentes em acolhimento institucional. 165 f. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Rio Grande do Sul, 2013.

ÁLVARES, Amanda de Melo; LOBATO, Gredson Régis. Um estudo exploratório da incidência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes em acolhimento institucional. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 151-164, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2013000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000100011&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 12 jul. 17.

ALVES, Cássia Ferrazza; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Apoio Social e Comportamentos de Risco na Adolescência. **Psico**, v. 46, n. 2, p. 165-175, abr/jun. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/18250/13345>>. Acesso em: 13 jul. 17.

ANTONI, Clarissa de; BATISTA, Fernanda Altermann. Violência familiar: análise de fatores de risco e proteção. **Diaphora**, v. 14, n. 2, p. 26-35, 2014. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/62/62>>. Acesso em: 13 jul. 17.

BERNARDY, Catia Campaner Ferrari; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 1, p. 11-17, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/40501>>. Acesso em: 20 jul. 17.

BRAGA, Luiza Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. A exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: famílias e instituições. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 413-420, set/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/09.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 17.

BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: Fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, v. 6, n 1, p. 2-14, jan/jun 2013.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Institui a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente e da outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 13 jul. 1990.

CARDOSO, Luciana Roberta Donola; MALBERGIER, André. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 1, p. 27-34, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572014000100003>>. Acesso em: 27 jul. 17.

CAVALCANTE, Lilia. I. C.; SOUZA, Simone. S.; MAGALHÃES, Celina. M. C. Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v.10, n.4, p. 1147–1172, dez. 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482010000400005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482010000400005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 jul. 17.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país (Relatório de pesquisa/2013)**, v. 1, 2013. Brasília-DF: CNMP. Disponível em: <[http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes/Res\\_71\\_VOLUME\\_1\\_WEB\\_.PDF](http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes/Res_71_VOLUME_1_WEB_.PDF)>. Acesso em: 2 ago. 17.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco et al. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: uma nova proposta. In: D. D. Dell'Aglío & S. H. Koller (Orgs.), **Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção** (pp. 259-270). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FREITAS, Miguel et al. Análise fatorial confirmatória do modelo do Questionário da Qualidade da Amizade numa amostra de jovens adolescentes Portuguesa. **Laboratório de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 163–175, 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/655/738>>. Acesso em: 2 ago. 17.

GASPAR, Tânia; MATOS, Margarida Gaspar de. Para mim é fácil: Escala de avaliação de competências pessoais e sociais. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v.16, n. 2, p. 195-206, 2015. Disponível em: <<https://dx.doi.org/http://dx.doi.org/10.15309/15psd160206>>. Acesso em: 2 ago. 17.

HARRIS, Judith Rich. **Diga-me com quem andas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

JESSOR, R. et al. Protective factors in adolescent problem behavior: moderator effects and developmental change. **Developmental Psychology**, v. 31, n. 6, p. 923 -933, 1995. Disponível em: <[http://www.colorado.edu/ibs/jessor/pubs/1995\\_Jessor\\_VanDenBos\\_Vanderryn\\_etal\\_DEVPS\\_YCH\\_ProlemBehaviorModeratorEffects.pdf](http://www.colorado.edu/ibs/jessor/pubs/1995_Jessor_VanDenBos_Vanderryn_etal_DEVPS_YCH_ProlemBehaviorModeratorEffects.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 17.

KOMATSU, André Vilela; BAZON, Marina Rezende. Caracterização de adolescentes do sexo masculino em relação a comportamentos antissociais. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 13, n. 2, p. 725-735, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v13n2/v13n2a13.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 17.

MAHON, Conor Mc; CURTIN, Chris. The social networks of young people in Ireland with experience of long-term foster care: some lessons for policy and practice. **Child & Family Social Work**, v. 18, n. 3, p. 329-340, 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1365-2206.2012.00849.x/full>>. Acesso em: 25 ago. 17.

MCKOY, D. et al. Substance Use, Policy, and Foster Care. **Journal of Family Issues**, v. 35, n. 10, p. 1298-1321, 2014. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0192513X13481439>>. Acesso em: 25 ago. 17.

MYERS, M. **Psicologia Social**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

NARDI, Fernanda Ludke; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre a família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 2, p. 181-191, abr/jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/06.pdf>>. Acesso em: 14 set. 17.

PESCE, Renata P. et al. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 135-143, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722004000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722004000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 14 set. 17.

POEIRAS, Sofia Isabel Gomes. **Adolescentes em risco: práticas e percepções**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Psicomotricidade Humana, Universidade de Lisboa. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/8629/1/TESE%20DEFINITIVA%202015.pdf>>. Acesso em: 14 set. 17.

SIERRA, Vânia Morales; MESQUITA, Wania Amélia. Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. **São Paulo em perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 148-155, 2006. Disponível em: <[http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01\\_11.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_11.pdf)> Acesso em: 14 set. 17.

TOMÉ, G. et al. Influência da família e amigos no bem-estar e comportamentos de risco—modelo explicativo. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 16 n.1, p. 23-34, 2015. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.15309/15psd160104>>. Acesso em: 14 set. 17.

VIEIRA, Patrícia Conzatti et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 11, p. 2487-2498, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008001100004&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001100004&lng=en&tlng=pt)>. Acesso em: 14 set. 17.

VILHENA, Valéria Cristina. **Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher Casa Sofia**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em 1. Ciências Sociais e Religião 2. Literatura e Religião no Mundo Bíblico 3. Práxis Religiosa e Socie) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/529>>. Acesso em: 14 set. 17.

ZAPPE, Jana Gonçalves. **Comportamentos de risco na adolescência:** aspectos pessoais e contextuais. 193 f. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Rio Grande do Sul, 2014.

ZAPPE, Jana Gonçalves et al. Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 16, n. 1, p. 91-100, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-91552013000100009&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552013000100009&lng=en&tlng=pt)>. Acesso em: 14 set. 17.